

target: *Hamburg8*

Processo de exploração para o desenvolvimento de um poema tosco sobre a tecnologia, a mobilidade e a comunicação

Hugo Miguel Coelho

1. A minha viagem

Dia 1 (de Novembro)

Após a apresentação, lá para a uma da manhã, da 5ª fase de trabalho do Projecto de Investigação (de Ana Silveira Ferreira) em Aveiro, corremos (depois da desmontagem e dos adeuses) pela nacional (é mais barato e, de noite, demora o mesmo tempo), para poder estar com as malas às sete da manhã no aeroporto de Lisboa. (...) Enquanto esperava pela abertura da porta 14, pensava nas tempestades que inundam o nosso planeta. "O sudeste de França sofre enurradas que levam para a lama milhares de euros de arrasto". E as pessoas?

Uma insatisfação face à arquitectura volátil mundial tem motivado o meu trabalho potencialmente criativo. Depois de me ter debruçado sobre temas associados ao terror (na pós-graduação em Criações Literárias Contemporâneas, da Universidade de Évora, onde tive a oportunidade de investigar sobre a literatura e o cinema norte-americano e nipónico, especialmente associado às novas tecnologias), tenho procurado intensificar um trabalho de reflexão e exploração à volta do "medo contemporâneo": esse agente que não toma uma forma detectável, que não tem nome, e cuja origem é difusa; que temos dificuldade em circunscrever. Interessa-me, assim, problematizar criativamente o medo (e o terror, ambos em estreita ligação), num contexto onde este(s) surge(m), cada vez mais, na vida íntima do indivíduo tendendo, como entende Paul Newman em *A History of Terror*, a conduzi-lo para uma paralisação social.

Através do CorpoCriações (projecto pelo qual sou responsável na ExQuorum, estrutura de promoção artística fundada em Évora) já tinha tropeçado, antes, neste cosmos. Em *Exercícios sobre A testemunha*, de Manuel da Fonseca (2006) e, mais recentemente, em 2008, no espectáculo *Nâh* (intimamente ligado a *Arrepios: A ansiedade que antecede o grito*, uma iniciativa dedicada à recolha e tratamento criativo do fantástico e do medo no imaginário alentejano), seduziu-me essa indefinição e insegurança do indivíduo social, associado, muitas vezes, à sua dificuldade em negar, bradar e/ou decidir.

Delicadamente (re)lembro-me das "caminhadas por essas ruas sujas com a minha mente a explodir de ódio, sentindo uma antipatia do (e pelo) mundo, em que

recusava seguir as suas regras, cheias de mentiras e contradições; recusava seguir as suas regras, chamando pela inconformidade no meu interior"¹. Deliciosamente (re)lembro-me daqueles que "combatem o medo, não fogem e não desistem, não se deixam ir abaixo". Conforto-me nesse imaginário onde essa existência bruta se sustenta nas inter-relações da tecnologia, da comunicação e da mobilidade (assentes, muitas vezes, em ambíguas redes virtuais ou imateriais, e onde, também, tal como Jacques Derrida responde, "[as nanotecnologias] de todos os géneros são muito mais poderosas e invisíveis, incontroláveis, capazes de se infiltrarem por toda a parte" – Derrida *in* Borradori 2004: 167). "E surge-me à memória uma frase batida: gritos mudos chamando a atenção p'ra vida que se joga com toda a razão".

A experiência tida na residência artística junto da Cie Cano Lopez, com o objectivo central de desenvolver um espaço de reflexão e laboratório prático de exploração (de onde pudesse resultar um texto com possibilidades performativas), motivou-me, nessa fase de especulação criativa inicial, a centralizar tematicamente no medo, partindo da premissa de que essa presença invisível ecoa no comportamento contemporâneo dos indivíduos e na organização das sociedades, imiscuindo-se (inclusive) nas suas relações com a criação artística.

2. A minha outra viagem

Dia 6 (de Novembro)

A estrutura começa a clarificar-se: um único local, algumas horas (poucas), uma banda rock. A língua (o inglês?) comum a todos os intervenientes e a sua potencialidade óbvia como instrumento comunicacional. (...) Revi *Halloween* de John Carpenter. É delicioso ver aquela câmara quase sempre em movimento uma hora e vinte e sete minutos sempre em tensão. Fantástico. Como o é, também, dispor de tempo para pensar, deixar o tempo fluir, jogar com o tempo (mesmo que este seja uma ilusão).

Agraciado com a bolsa Péripières Européennes Pour Jeunes Artistes (através do programa "map²⁰⁰⁸⁻²⁰⁰⁹"), tinha-me proposto explorar, no final de 2008, junto da Cie Cano Lopez, no Plessis Théâtres (em Tours, França), esta temática do medo, tendo em vista a criação de um texto, o *Hamburg8*, com intenções performativas.

¹ Estão entre aspas as adaptações livres das letras das músicas: *Inner Self* (Sepultura, integrada no álbum *Beneath The Remains* de 1989); *I'm Not Down* (The Clash, integrada no álbum *London Calling* de 1979); *O primeiro dia* (Sérgio Godinho, integrada no álbum *Pano-cru* de 1978); *Gritos mudos* (Xutos & Pontapés, integrada no álbum *Gritos Mudos* de 1990).

Hugo Miguel Coelho é licenciado em Estudos Teatrais e pós-graduado em Criações Literárias Contemporâneas pela Universidade de Évora. Estudou no Institut del Teatre de Barcelona e na Latnings Kulturforeningen (Suécia). Foi membro da Comissão de leitura e editor da Revista Artistas Unidos, onde estagiou e desenvolveu o trabalho de fim de curso. É membro fundador da ExQuorum onde é responsável pelo projecto CorpoCriações.

>

Vista do *château* do
Pléssis Théâtre, Tours
(França), Novembro 2008,
fot. Hugo Miguel Coelho.



<>

Ensaios de exploração
de Hamburg8,
Pléssis Théâtre, Tours
(França), Novembro 2008,
fot. Camille Lebègue.



Na pacífica clausura do *château* – última residência de Louis XI – foi-me permitido aprofundar este tema enquanto dormia, acompanhado pelo silêncio das corujas. O património histórico (um palácio isolado, rodeado por altas vedações e preenchido por vegetação) promove, sem se tornar pressionante, a ambiência ideal para nos despistar da existência mundana.

Obviamente que a ilusão é o elemento que nos permite divagar por estes delírios românticos, já que a urbanidade está, literalmente, a meia dúzia de passos, com as suas auto-estradas, zonas habitacionais, centros comerciais, parques industriais e avenidas que levam ao centro da *ville*. Uma ilusão que, tal como o tempo (esse elemento arteiro), se inscreve num universo imaterial e artificioso que se poderá tornar útil para a exploração e desenvolvimento do objecto criativo, o texto, propositadamente atento a essa invisível omnipresença de redes informais: a tecnologia (cada vez mais minúscula, rápida e eficaz); a comunicação (difusa e anárquica); a mobilidade (física e virtual).

2.1. Map(a) da colisão entre o universo da Cie Cano Lopez e a minha experiência de exploração criativa

José Cano Lopez desenvolve o seu projecto pessoal (já com cerca de três décadas) desde 1998 no Plessis Théâtre. A riqueza humana e a apurada capacidade de labor unem-se, ali, na perseguição de um object(ivo) artístico-cultural-social (deveras singular) que repousa delicadamente sob o título, como Cano Lopez carinhosamente gosta de apelar, de "culturas do coração" (*cultures du coeur*).

Os vários ramos da sua existência criativa multiplicam-se pelos acolhimentos (residentes ou pontuais); pelas "pequenas formas" (*petites formes*), deliciosa desculpa para abordar *Lenz*, de Büchner, num universo plástico e

sonoro da responsabilidade, respectivamente, de Camille Lebègue e Clément Cano Lopez, numa intencional cumplicidade com o universo de Tim Burton); pelos *gouter-concert*; pelas residências de investigação e criação; pelo comité de reflexão (com, por exemplo, Jean-Pierre Sarrazac, Béatrice Picon-Vallin e David le Breton) ou pelo comité de espectadores, o qual promove uma efectiva dinamização à volta de eventos variados, como por exemplo, espectáculos, conversas, ensaios, intercâmbios, parcerias, ateliês de teatro e edições. Agrada-me a ideia (já clássica) de procurar esta inter-relação, num processo pró-activo (algo que deambula entre a descoberta, a discussão e a experiência sensorial).

A actividade da Cie, sempre com uma forte posição empenhada e política (é no prolongamento desta que surgem as parcerias com, por exemplo, o estabelecimento prisional local, as escolas secundárias da região e o conservatório), na sua prolifera actividade, propôs uma deliciosa visita nostálgica, cheia de energia e insatisfação (talvez por o seu director, com sangue fervoroso, ser oriundo da região onde Federico Garcia Lorca está sepultado), ao triste acontecimento de *19 de Agosto de 1936: Morte de um poeta (19 Août 1936: Mort d'un poète)*. Ainda hoje estremeço ao lembrar a química de Jacques Perry-Salkow (ao piano) e José Cano Lopez numa experiência intimista, e do seu grito: "Assassinos, vocês vão matar um poeta! Assassinos!" ("*Assassins, vous allez tuer un poète! Assassins!*").

Durante a minha residência convivi em forte conexão com muitas destas valências, tendo tido a possibilidade de acompanhar, por exemplo, os ensaios do inacabado *Lenz*, já referido, e de *O homem sentado no corredor (L'homme assis dans le couloir)*, de Marguerite Duras, a recepção de presidiários do estabelecimento prisional local ou o atelier-demonstração no Lycée Saint Médard. Através da conversa pública *O medo na arte (La peur dans l'art)* e do *workshop* que também dirigi (com respectivas apresentações públicas

na sala de espectáculos Didier Georges Gabily), foi-me também permitido arraigar nesta dinâmica frenética.

Toda esta experiência se interligou com a investigação, a escrita e a rescrita, a experimentação física com os actores e respectivas sessões públicas, permitindo que o processo de exploração e criação se adensasse, quer pelo desenho do texto (em contínuo processo de construção), quer pelo primeiro rascunho para a edificação de uma ferramenta teórico-prática para o trabalho criativo (com o título provisório *à procura d' "o gesto na manta energética caótica orientada"*). Perseguido o *groove* (aquilo que apelidei de "invisíveis partículas nucleares") e o "querer ver a lua" (reverencio esta asserção de Yoshi Oida), amoldei o meu trabalho a outras referências (como, por exemplo, *Imaginando a décima dimensão (Imagining the Tenth Dimension)*, de Rob Bryanton, na procura de um ponto que tenha a capacidade de conter o todo.

3. Looking 4 a track

O comentário [☒](#)

REFERÊNCIAS: International Airport, Gate, hate, eight, G8, Hamburg, Gate 8

Dia 10 (de Novembro)

Jean-Louis (professor de literatura do ensino secundário) convidou-me a assistir, de manhã, a um ensaio com alunos do intercâmbio entre França e Mali. Os alunos estavam estafados. Contudo, notei o seguinte: em culturas aparentemente distantes (e não há volta a dar) o corta-e-cola (*copy-paste*) instalou-se, como um princípio que retorna. É hoje "a" cultura. Acho que vou aproveitar esta frase para o *Hamburg*.

Penso (não vá a minha ingenuidade tramar-me) que seduz qualquer criador / pensador / actor / gestor (numa única palavra: sobrevivente) o deixar-se imbuir pela relação interactiva entre a poesia do texto, a plasticidade da imagem, o *swing* do *performer*, a musicalidade do ruído, etc., etc. Assim como (contínuo eu a imaginar), deve interessar, também, tentar perscrutar "onde" estamos e "por onde" podemos esburacar para nos inscrevermos (contribuindo e usufruindo, para voltar a contribuir) neste caminho em mudança, recusando-nos a ser meros agentes casuais.

Neste momento em que a imagem (especialmente em movimento e/ou colada ao som) se tornou um ícone contemporâneo e onde acções como a selecção a pedido (*on-demand*), o *zapping* na televisão ou a navegação na Internet se tornaram triviais, a relação com a informação

/ comunicação tornou-se, já desde o século passado, interactiva e pró-activa. Interessa, portanto, neste contexto, procurar compreender o lugar da palavra. Paralelamente à consideração dada ao objecto artístico esculpido repetidamente e apurado constantemente, importa também estar atento ao curso das palavras que compõem toscas frases, mal ditas, linguisticamente pobres – seja de forma propositada, seja por falta de domínio técnico – mas que abrem espaço a uma comunicação multi-direccional (enriquecida pela troca de impressões e experiências) suportada por uma estruturação social cada vez mais uniformizada e, por seu turno, cada vez mais conectada, também, à cultura do corta-e-cola. Se há um óbvio empobrecimento em tudo isto, haverá, também, o seu lado admirável – o de permitir a experiência enriquecedora do "aqui e agora", estabelecida na primeira pessoa, não podendo recusar que, como refere Steven Johnson (Johnson 2006: 11), a cultura popular (onde se inclui, obviamente, a ciber-cultura) se tornou cada vez mais complexa nas últimas décadas, obrigando a nossa mente a exercitar-se de formas novas e poderosas.

3.1. O medo

– tópicos saltados para o suporte de exploração

Dia 20 (de Novembro)

"*Spider e Black Cat* não me saem da cabeça. Contudo isto tem a ver com uma forma de abordar. (...) Caem-me na cabeça, rapidamente e como flocos de neve, Chomsky, Derrida, DeLillo. 'Estou um pouco confuso... ahhh!'"

Tal como Carol Anne (em *Poltergeist*, de Steven Spielberg), que não consegue "ler" as mensagens, o medo surge frequentemente daquilo que não conhecemos e não controlamos. Esta leitura, muito embora trivial, permite-nos vislumbrar a possibilidade de um controlo invisível (provocado pela disseminação do terror) cuja essência não está, como constata Giovanna Borradori, "na eliminação física de quem quer que se considere diferente, mas [essencialmente n]a erradicação da diferença nas pessoas, nomeadamente da sua individualidade e capacidade de acção autónoma" (Borradori 2004: 29). Através deste regime ditatorial discreto (não militarizado, mas consumidor e "culturalizante"), sustenta-se uma rede (quem não se antecipou na companhia de Huxley, Orwell ou Burgess?) suportada por meios dificilmente perceptíveis (acusados por activistas como Michael Moore, Jacque Fresco ou Peter Joseph), normalmente atribuídos

ao imaginário das teorias da conspiração (tão populares, por exemplo, durante a Guerra Fria e no último quartel do século XX). E é em todo este contexto que surge uma justa interrogação: como será possível soltarmo-nos destas amarras invisíveis (manobradas por imperceptíveis fios, absorvidos por uma estrutura já autonomizada e cuidadosamente planeada), escusando-nos a fazer parte dessa "classe morta", automatizada?

Todos vestidos com belos uniformes, com passos calculados caminham alinhados.

(Ian Curtis, excerto de *They Walked in Line*, integrado no álbum *Warsaw*. 1978)

Se esta concepção estereotipada de um opressor incorpóreo é artisticamente fértil, também o interior sombrio do indivíduo nos mostra um território abastado para a especulação criativa. E imediatamente nos lembramos de Norman Bates (o de Bloch, o mesmo de Hitchcock) e Patrick Bateman (*American Psycho*, de Bret Easton Ellis). Se há "medos que crescem de acordo com a nossa própria imaginação" (*Ring*, de Koji Suzuki), também é verdade que, como escreve Maria Antónia Lima, "o medo contemporâneo com o qual convivemos não vem da Transilvânia, não se esconde em florestas nem no fundo de armários. Está dentro de nós (...), nos amigos, nas escolas, nas ruas conhecidas, nos ambientes mais banais e tranquilos" (Lima 2008: 17).

Decorrente da instabilidade provocada por essa característica perturbadora de poder surgir em qualquer lado, por qualquer canal, incitado por qualquer alguém, este medo, gravado na criação contemporânea, torna-se (ainda mais) relevante pela sua própria indefinição, como legado directo das experiências "pós -11 de Setembro". E é neste jogo de ideias (em forte auscultação com a criação artística) que estendo, modestamente, um tapete oculto para ser percorrido por jovens em trânsito num aeroporto para, aí, se questionarem os limites de muitas destas relações (penetrando energicamente no *ground zero* dos conflitos ideológicos e éticos).

Os porcos venceram esta noite

Podem agora dormir descansados

E tudo está bem³

(Trend Raznor, excerto de *March of the pigs*, integrado no álbum *The Downward Spiral*, de *Nine Inch Nails*, 1994)

3.2. Um texto potencialmente performativo

Dia 23 (de Novembro)

P: But I believe terrorists are everywhere. They are invisible. Maybe selling kebabs all over Europe.

M: You're a stupid xenophobic, ah?

P: C'mon. I'm joking.

JP: Yes, but those are dangerous jokes, ah?

P: It's a joke.⁴

(do primeiro rascunho para *Hamburg8*)

Numa tentativa de organizar esse universo caótico a que me confinei, debrucei-me sobre o tríptico temático inscrito no título inicial, focalizando-me simultaneamente em alguns pilares nucleares: o *bad english* (como forma de expressão universal); o *rock* (pela sua rudeza libertária); o *soft-talk* (por essa necessidade de ocupar os espaços vazios com conversas banais e corriqueiras, cobertas por uma manta de falaciosa profundidade); o *fast-food* (na qual a palavra "comida" pode ser perfeitamente substituída por "consumo"); a cultura corta-e-cola (que cresce paralelamente à atenuação de fronteiras geográficas, ideológicas, sociais, económicas). Estes pilares tornam-se, assim, motivos para a procura do texto, sustentados pelo denominador comum de sempre: o medo. Numa clara metáfora contemporânea, o aeroporto (onde tudo se passa de forma rápida e efémera num frágil edifício "babelónico") assume-se, também por razões históricas recentes, como ícone emblemático da acção. Sendo um espaço transitório (nesta rede alargada mundial) pela rápida urgência "de ir" (muitas vezes a lado algum), o aeroporto (alojando-se na comodidade *low cost* de carimbar o percurso: "já estive aqui!"), toma igualmente o lugar (sempre com os três pilares temáticos como pano de fundo: tecnologia, comunicação, mobilidade) do mítico *inter-rail*, essa memória romântica do longínquo século XX.

Dia 30 e 1 (de Dezembro)

Uma senhora, mal-humorada comprovadamente, exige que seja eu (e não José ou Françoise) a defender o meu trabalho de exploração e a explicar o que eu pretendia com tudo aquilo. E eu a pensar se o faria em *bad english* ou num ainda menos bom francês.

Referências bibliográficas

- BORRADORI, Giovanna (2004), *Filosofia em tempo de terror - diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida*, trad. Jorge Pinho, Porto, Campo das Letras.
- JOHNSON, Steven (2006), *Tudo o que é mau faz bem*, trad. Maria do Carmo Figueira, Porto, Lua de Papel.
- LIMA, Maria Antónia (2008), *Terror na literatura norte-americana* (Vol.I), Lisboa, ERL-Editora de Revistas e Livros.

² "All dressed in uniforms so fine, (...) with measured steps, they walked in line".

³ "The pigs have won tonight / Now they can all sleep soundly / And everything is all right".

⁴ Dado que a proposta de *Hamburg8* passa pela expressão linguística num inglês estrangeiro e mal articulado, optamos por não traduzir este excerto.